

**ATYÔ, ABÊ E AZÊ VEM NOS VISITAR, O DIA DA FESTA
CHEGOU: O OFERECIMENTO DA ROÇA TRADICIONAL
DOS INDÍGENAS HALITI, ALDEIA PARAÍSO, MATO
GROSSO, BRASIL**

**ATYÔ, ABÊ AND AZÊ COMES TO VISIT, THE FEAST DAY
HAS ARRIVED: THE OFFERING OF TRADITIONAL FARM
INDIANS HALÍTI, PARAÍSO VILLAGE, MATO GROSSO,
BRAZIL**

Lin Chau Ming

Departamento de Produção Vegetal, Setor Horticultura – Faculdade de Ciências Agronômicas
– UNESP – Botucatu, SP

linming2809@gmail.com

Marcia Regina Antunes Maciel

marcia.maciel@gmail.com

RESUMO

No Centro-Oeste do Brasil encontram-se os índios Paresi, que se autodenominam Halíti. Este povo está inserido em uma área ecotonal de cerrado e Amazônia que, ao longo do tempo, tem sofrido diversos tipos de exploração, ocasionando dificuldades para sua sobrevivência física e cultural. Os dados aqui arrolados fazem parte de uma tese de doutoramento a respeito das roças tradicionais dos índios Halíti. O objetivo deste artigo é descrever a festa do oferecimento da roça tradicional da etnia acima referida. A pesquisa ocorreu no período de 2007 a 2009, na aldeia Paraíso, situada na Terra Indígena (T.I) Pareci, município de Tangará da Serra, Mato Grosso. O trabalho de campo foi realizado por meio de abordagem qualitativa (entrevistas gravadas em fita e vídeo, conversas informais, observação participante, e caderno diário-de-campo). Verificou-se que, as festas tradicionais dos Halíti são de batizados, colheita, da menina-moça e em agradecimento ao Deus *Enoré*. A festa do oferecimento da roça ocorre geralmente no mês de setembro, é componente do calendário agrícola tradicional e importante meio de socialização entre as aldeias. Não apenas nos dias de festas, mas no cotidiano, a mandioca (*Manihot esculenta* Crantz) que é o principal item cultivado, é utilizada na produção de bebidas denominadas *chicha*, e do *beiju* tipo de bolo assado na fogueira ou no fogão a gás. As práticas tradicionais do cultivo da mandioca vêm sendo mantidas com algumas alterações nos rituais na região onde o estudo foi realizado. No entanto observou-se que é mantida a festa para o oferecimento da produção antes da colheita em aldeias desta T.I. Esta festa pode ter a duração de uma semana a quinze dias, e durante os festejos são entoados cantos e danças e são, oferecidos alimentos e bebida tradicional ou não aos festeiros convidados. A permanência dos rituais ligados às práticas da agricultura indígena Haliti podem auxiliar na conservação ambiental do cerrado, e na permanência da cultura deste povo, que atualmente, encontram-se ilhados pelo agronegócio sofrendo as conseqüências silenciosas dos impactos sócio-ambientais do novo “desbravamento do centro-oeste”.

Palavras chaves: Roça tradicional; Oferecimento; índios Haliti; Mato Grosso

<https://periodicos.ufac.br/index.php/jamaxi/index>

ABSTRACT

In the Midwest of Brazil are Paresi indians, who call themselves *Halíti*. This people are embedded in a savannah ecotone and Amazon that, over time, has suffered various kinds of exploitation, causing difficulties for their physical and cultural survival. The data enrolled here are part of a doctoral thesis about the Indians *Halíti* traditional gardens. The aim of this paper is to describe the party offered in the garden of that ethnicity. The study was conducted between 2007 to 2009, in Paraíso Village, located in Indian Land (T.I.) Pareci, municipality of Tangará da Serra, Mato Grosso. The field work was conducted through a qualitative approach (interviews and video taped, informal conversations, participant observation, diary and field notebook). It was found that the traditional festivals of breath are baptized, harvest, young lady, and thanks to God *Enoré*. The party offered in the garden usually occurs in september, is a traditional agricultural calendar component and important means of socialization among the villages. Not only on days of festivities, but in everyday, the cassavas (*Manihot esculenta* Crantz) cultivated are main item used in the drinks called chicha production, and the type of tapioca (*beiju*) cake baked in campfire or gas stove. Traditional practices of cassava cultivation have been retained with some changes in the rituals in the region where the study was conducted. However it was observed that the party is held for the production offering before harvest in T.I. villages. This party can last from one week to fifteen days, and during the festivities are sung songs and dances and is offered food and traditional drink or not to revelers guests. The permanence of the rituals related to the *Halíti* indigenous agriculture practices can assist in conservation of the cerrado, and remained in this people culture of who currently find themselves stranded by agribusiness silent suffering the environmental and social impacts consequences of the new “*exploration of the midwest*”.

Keywords: Traditional farm; Offering; Indians Halíti; Mato Grosso

INTRODUÇÃO

A atual população indígena brasileira, segundo resultados preliminares do Censo Demográfico realizado pelo IBGE em 2010, é de 817.963 indígenas, dos quais 502.783 vivem na zona rural e 315.180 habitam as zonas urbanas brasileiras. Este Censo revelou que em todos os Estados da Federação, inclusive do Distrito Federal, há populações indígenas. A Funai também registra 69 referências de índios ainda não contatados, além de existirem grupos que estão requerendo o reconhecimento de sua condição indígena junto ao órgão federal indigenista. E com relação às 274 línguas faladas pelos povos indígenas, o censo demonstrou que cerca de 17,5% desta população não fala a língua portuguesa. Atualmente, segundo dados do censo do IBGE realizado em 2010, a população brasileira soma 190.755.799 milhões de pessoas. Ainda segundo o censo, 817.963 mil são indígenas, representando 305 diferentes etnias. Foram registradas no país 274 línguas indígenas. (<http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/quem-sao>, 2018).

Os povos indígenas habitam os mais diversos pontos do território brasileiro, mais da metade da população indígena está localizada nas regiões Norte e Centro-Oeste do Brasil, principalmente na área da Amazônia Legal, havendo índios vivendo em todas as regiões brasileiras, em maior ou menor número, com exceção dos estados do Piauí e Rio Grande do Norte (FUNAI, 2008/2010).

Quase todas as sociedades indígenas da América do Sul praticam agricultura, umas de forma mais elaborada, outras de maneira mais rudimentar. Ela pode ser a atividade

econômica principal ou apenas complementar um sistema produtivo mais dependente da caça, pesca ou coleta. Enquanto para os Xavante do Mato Grosso a caça é de grande importância e sem a coleta eles talvez nem pudessem sobreviver, dizem os Tiriyo do Suriname que podem viver sem carne, mas sem beiju não (Ramos, 1986).

Os povos indígenas por apresentar uma dependência direta dos recursos naturais, acabaram desenvolvendo não apenas conhecimentos a respeito do funcionamento ecológico dos ambientes que habitam, mas também uma relação de respeito à natureza. E esta interação ser humano-natureza permeia os campos da Etnobiologia e Etnoecologia, que segundo Marques (1995) define essas ciências como “o estudo das interações entre humanidade e o resto da ecossfera, através da compreensão dos sentimentos, comportamentos e crenças a respeito da natureza, características de uma espécie biológica (*Homo sapiens*) apresentando variações morfológicas e genéticas... favorecendo aos estudos com tais povos, sendo que seus resultados podem ser aplicáveis nos projetos de sustentabilidade.

Os povos indígenas destinam às plantas diversos tipos de uso, especialmente o medicinal que tem sido alvo de pesquisas na busca de fármacos. E é no uso alimentar das plantas que os povos indígenas contribuíram e podem contribuir no aumento do número de plantas alimentícias. Embora exista grande diversidade de plantas alimentares disponíveis, a base da alimentação humana está baseada em algumas poucas espécies, como trigo e arroz. Como exemplo dos alimentos hoje disponíveis à humanidade, graças aos indígenas, cita-se a batata e o milho, plantas domesticadas e cultivadas pelos povos andinos. No Brasil destaca-se além da domesticação, também a agricultura da mandioca, sendo que esta planta historicamente forma a base da alimentação da maioria das etnias indígenas brasileiras.

A biodiversidade existente nos trópicos confere ao Brasil uma posição privilegiada diante dos demais países. Além da mega-fauna e flora existente, também é abundante a diversidade cultural e agrícola oriunda dos mais diversos povos habitantes deste país. E segundo a literatura de Santilli e Emperaire (2005), na Amazônia brasileira, os Kaiabi cultivam mais de 140 cultivares de plantas alimentícias repartidas em 30 espécies; os Yanomami, 40; os seringueiros do Acre no Alto Juruá, 17 cultivares de mandioca, 14 de banana e nove de feijão, por exemplo. No Alto Rio Negro, os povos indígenas Baniwa, Tukano, Desana, Baré ou outros, cultivam um imenso leque de cultivares de mandioca, o alimento de base das populações amazônicas.

Entre os povos indígenas o cultivo e colheita dos alimentos é motivo para realização de diversos rituais e concretização de mitos, sendo comum entre esses povos a realização do oferecimento de parte de sua colheita com festejos entoando cantos e danças.

Os mitos contam como as coisas chegaram a ser o que são. Contam como as divindades, os homens, os animais e as plantas se diferenciaram. Os rituais, por sua vez, fazem o caminho inverso dos mitos. E, não por acaso, eles se dispõem muitas vezes a contar o mito, a recriar o mito, promovendo uma espécie de retorno a esse tempo de indiferenciação geral em que divindades, homens, animais e plantas se comunicavam entre si, e

produziam sua existência por meio dessa interação. As populações indígenas acreditam que esta comunicação, esta interação deve ocorrer de maneira mediada e é indispensável para a produção de pessoas e da própria sociedade (Sztutman, 2008).

Entre os povos que realizam rituais é comum entre os indígenas, os rituais de iniciação, funerários, ou o de agradecimento por uma boa colheita. Na literatura de Sztutman 2008, a comunicação ritual nos rituais, por exemplo, dos funerais se estabelece entre seres humanos e seres não-humanos, como espíritos, divindades, donos de espécies naturais, subjetividades que habitam corpos animais e vegetais etc.; todos dotados de diferentes potências. O autor explica ainda que, essa comunicação acaba por se fazer entre pessoas de proveniências distintas: gente de outras aldeias, de outros territórios e mesmo de outras etnias. Os rituais indígenas são uma celebração das diferenças entre os próprios seres humanos, diferenças sem as quais não haveria nem troca nem cooperação. E para celebrar essas diferenças uma intensa trama de prestações de comida e bebida, sobretudo, mas também, em certas ocasiões, de cantos e artefatos é posta em movimento.

Para os Kayapó a porção da floresta na qual a população da aldeia caça, pesca e ara é socializada pela atribuição de nomes de lugares. Em seguida, intervenções humanas na natureza são acompanhadas de rituais. Por exemplo, a instalação de novas roças é precedida de uma dança que apresenta muitas semelhanças estruturais com o ritual de guerra. Instalar novas roças é uma guerra simbólica de fato, não contra um inimigo humano, mas contra um inimigo natural. Na volta da caça, os homens devem cantar para os espíritos da caça, que eles mesmos mataram, para que estes permaneçam na floresta. Cada espécie animal designa um canto que começa sempre pelo grito do animal morto (Verswijver, 2002).

Apesar do contato dos indígenas com os não índios, e a inevitável alteração no seu modo de vida, diversos povos indígenas conseguem manter seus mitos e realizar seus rituais, cita-se os índios Enawene Nawe, falantes uma língua da família Aruák e habitantes do estado do Mato Grosso. Esta etnia a cada ano inicia um longo ritual destinado aos seres subterrâneos e celestes *Iakayreti* e *Enore nawe*, respectivamente. Durante este período os Enawene Nawe cantam, dançam e lhes oferecem comida, numa complexa troca de sal, mel e alimentos – sobretudo peixe e mandioca. Organizam o trabalho com o intuito de produzir alimentos para o consumo cotidiano e para serem oferecidos nos rituais (Valadão 1998; ISA 1998; Santos, 2006).

Outro exemplo de resistência cultural são os índios Myky que foram contatados em 1971, habitantes do estado Mato Grosso. As atividades econômicas tradicionais dos Myky são intrinsecamente ligadas a atividades rituais, tais como as festas do período da seca e as do período das chuvas, com duração de aproximadamente um mês cada. Este povo preserva integralmente sua cultura original com suas festas, rituais, fartura de alimentação quase que totalmente proveniente de suas roças familiares, onde cultivam: milho, cará, batata, feijão, além da caça, e pesca, embora venha se tornando de mais em mais escassa. (Cartagenes, 1987; Amarante, 1987).

No estado do Mato Grosso, a sudoeste, em um chapadão arenoso e árido, cortado por rios que correm para o norte em direção ao rio Amazonas e para o sul, ao encontro do rio Paraguai, vive outro povo de língua Aruák que, a partir do século XIX, passou a ser conhecido indiscriminadamente como Pareci¹. Seus integrantes se autodenominam Halíti. Esta autodenominação segundo os Paresi este termo pode ser traduzido tanto como “gente” numa referência explícita ao gênero humano em oposição aos animais, quanto como “povo” para indicar uma identidade mais inclusiva de grupo (Costa, 1985; Costa e Roberto, 1987).

Os Haliti reconhecem outra classificação à base da qual distinguem-se em *Waimaré*, *Kozárini*, *Warére* e *Káwali*². Constituem subgrupos que falavam dialetos distintos e habitavam territórios contíguos com limites bem definidos. O termo subgrupo foi empregado por Rondon para referir-se aos diversos grupos que encontrou. Por seu intermédio obteve-se um conhecimento mais exato da localização dos mesmos: habitavam o planalto denominado Parecis, desde o Rio Arinos e cabeceiras do Paraguai até as cabeceiras do Guaporé e do Juruena (Rondon, 1910 apud Costa, 1985). A história das relações entre os Halíti e distintos segmentos da sociedade envolvente remonta há 250 anos aproximadamente (Campos, 1 862:443 apud Costa e Roberto, 1987).

Em 2008, os Paresí contavam com cerca de 2.005 indivíduos falantes fluentes de sua língua materna, sendo que já foi detectada uma aldeia onde os moradores não falam mais seu idioma nativo, existindo apenas um idoso falante da língua, e o mesmo se recusa a ensinar aos mais jovens (FUNAI, comunicação pessoal 2009). Atualmente existe cerca de 50 aldeias que são caracterizadas pelas construções das *hati* ou casa tradicional, onde pode se abrigar para mais de trinta pessoas... A cobertura não era feita de palha de buriti, mas sim de pacova, fazendo pequenos molhos de sapé, com uma espécie de alça”... (Machado 1998). Embora de tradição oral, com o processo de escolarização e o intenso movimento de inter-relação de diversas naturezas com os não-índios vizinhos, a escrita e o domínio da língua portuguesa têm se revelado elemento imprescindível para sobrevivência desse povo que mantém intenso fluxo social, econômico e político com os não índios que habitam o entorno de suas terras (Costa, 1985; Paes, 2002, FUNAI 2009).

A aldeia é uma unidade socialmente significativa na sociedade Paresí; seus moradores formam um grupo social específico, cujas relações são marcadas pela solidariedade. Classificam-se como “parentes verdadeiros” e obedecem a uma série de direitos e obriga-

1 “A grafia do etnônimo Pareci segue a convenção em 1953, na 1ª reunião Brasileira de antropologia, onde passa a ser escrito com s, portanto *Paresi* (Machado, 1983). Segundo informações da FUNAI/Tangará da Serra, MT, atualmente a escrita com c, refere-se à um substantivo indicando nome de cidade, relevo, rio, entre outros. No entanto respeitar-se-á a forma grafada por outros autores quando citados, sabe-se que o etnônimo ainda pode ser escrito com c, ss e s. No presente artigo será utilizado o nome Halíti conforme autodenominação do grupo outrora nomeados de Pareci”.

2 “O surgimento dos Halíti: No mito de origem do povo Haliti coletado dentre outros, pelo etnólogo alemão Max Schimidt 1943, apud Machado (1993), no início do século, um grupo de sibling (irmãos germanos) saiu do interior da terra, brotou pelas fendas, pelos buracos das rochas existentes no rio Sucuriu-winã (Sucuruína ou Ponte de Pedra, tributário do Arinos) e descobriu o mundo - os rios, os pássaros, as árvores. *Wazare*, o irmão mais velho, saiu primeiro, orientando a saída de *Kamazo*, *Zakolo*, *Zalóia*, *Zaolore*, *Kóno*, *Tohóe* e *Kamaihye*... Ao atingirem a forma de gente de Halíti, tornaram-se aptos para procriar e casaram-se com um grupo de irmãs, as filhas de *Atyahiso*, o rei das árvores. Dessa união nasceram os *Kozarini*, os *Kaxiniti*, os *Warére*, os *Káwali* e os *Waimaré*, *Wazare* e *Kamihye* não deixaram filhos (Machado 1993)”.

ções. Cada aldeia possui um líder, cuja habilidade principal é manter a coesão do grupo, além da administração das atividades de subsistência e organização dos rituais. A chefia é transmitida de pai para filho, preferencialmente o primogênito. Cada aldeia conserva sua autonomia política e econômica, e possui direitos exclusivos sobre os recursos do seu território, embora desenvolva, entre si, uma vigorosa interação, expressa pela cooperação nos trabalhos, como os de derrubada para a abertura de uma roça, hospitalidade e prodigalidade (Costa e Roberto, 1987).

Não diferente de outros povos indígenas, os Haliti acreditam que as florestas e os rios são habitados por espíritos, e que uma serpente espírito e sua esposa eram cultuados na casa dos homens, onde a serpente era representada por uma espécie de trombeta e sua esposa, por uma flauta. Lá, onde os homens dançavam e cantavam, as mulheres eram proibidas de entrar. Os homens bebiam “chicha³” para aliviar a sede da serpente espírito e comiam grandes quantidades de carne para satisfazer sua fome (Costa, 1985).

Os Paresí designam como festa de chicha - “oloniti kalore”, isto é grande quantidade de “oloniti⁴”, os eventos em que a sociedade se reúne para beber “oloniti”, dançar e cantar seus mitos. Esses acontecimentos, via de regra, se dão com o concurso de vários grupos locais, o que não exclui a possibilidade de membros de uma aldeia decidirem se reunir em uma de suas casas, à noite, para beber chicha, cantar e dançar (Costa, 1985). Os motivos dos festejos pode ser a passagem de uma menina para a fase adulta, nomeação de criança, ou para efetuar a primeira colheita de uma roça nova.

A maioria dos grupos indígenas do Brasil pratica a agricultura tradicional, e cultivam em terras florestais, possuindo metodologia necessária para que se realize essa agricultura, chamada por eles de roça de toco onde cultivam mandioca, milho, feijão, banana e abóbora para subsistência.

O rótulo “tradicional” implica que se trata de atividades que se tenha praticado e transmitido durante muitas gerações em uma comunidade. Ao usar este termo referendo à agricultura, está-se falando de terras que se manejam para produzir alimento, forragem e fibras e que apresentam um conjunto de características como o predomínio do trabalho humano e animal mecanizado; pouca dependência dos praguicidas, herbicidas e fertilizantes e predomínio do cultivo intercalado sobre o monocultivo (Tuxill e Nabhan, 2001). A agricultura tradicional é comum entre os povos indígenas, e no centro-oeste, mesmo que por diversos motivos, faz-se outros tipos de agricultura, como a mecanizada, é possível ainda encontrar a agricultura tradicional indígena ocorrendo nas porções de terras, embora isso esteja diminuindo cada vez mais nesta região do Brasil.

No entanto a ocupação humana nos últimos quarenta anos acelerou os processos impactantes sobre a região de Mato Grosso, e muito se deve ao aumento da densidade demográfica, expansão agrícola e extrativista, o que vem alterando significativamente

3 Chicha: Bebida indígena, podendo ser fermentada ou não, é preparada a base de mandioca, milho, batata e atualmente arroz.

4 Oloniti: tipo de chicha denominada oloniti, consiste em uma beberagem feita com o polvilho torrado da mandioca brava, que é adicionado à água. A mistura estará pronta para o consumo, após fermentação.

este modo de obtenção de alimento. E, além disso, o bioma cerrado onde este povo está inserido, está seriamente ameaçado.

A degradação do bioma cerrado, causada principalmente pelo desmatamento para ocupação agropecuária, transformou o cerrado em um grande emissor de CO₂ na atmosfera, com níveis já equivalentes aos da Amazônia, além da perda de biodiversidade e serviços ecológicos desse importante bioma. O estudo, divulgado pelo MMA (Ministério do Meio Ambiente) em setembro de 2009, aponta que nos últimos seis anos o Cerrado perdeu, por ano, 21 mil km² de sua cobertura vegetal, o dobro do que foi registrado na Amazônia no mesmo período. De 2002 a 2008, o índice de desmatamento foi de 6,3%, aumentando de 41,9% para 48,2% as áreas desmatadas (Magela, 2009, <http://www.wwf.org.br/>).

A degradação desse bioma torna urgente o desenvolvimento de pesquisas que possam estabelecer parâmetros científicos de utilização racional para a manutenção da biodiversidade, e garantir também a permanência física e cultural dos povos do cerrado, entre eles, os povos indígenas.

METODOLOGIA

Vale ressaltar que as informações aqui contidas encontram-se arroladas na tese de doutorado desenvolvido junto ao Programa de Pós Graduação em Horticultura pela Faculdade de Ciências Agrárias da Universidade Estadual Paulista – UNESP, campus de Botucatu, SP, que teve como objetivo principal descrever a elaboração de uma roça indígena da etnia Haliti, de onde se extraiu a etnografia da festa do oferecimento da roça tradicional e será aqui descrita em uma narração na primeira pessoa, para que possa tentar demonstrar a observação participante de forma mais pura possível ao vivenciado pela pesquisadora.

São norteadoras em pesquisas etnobiológicas as observações de Posey (1987), com relação aos cuidados que um pesquisador deve levar em conta ao adentrar o universo do “outro”. Assim ele alerta que o maior problema que qualquer investigador defronta ao lidar com outras culturas é impor suas próprias idéias e categorias culturais a seus informantes ou consultores culturais, como por exemplo, descrença, desagrado, reprovação.

O trabalho de campo foi realizado por meio de abordagem qualitativa. Para escolha da aldeia contou-se com a indicação da FUNAI (Fundação Nacional do Índio) a época, administração de Tangará da Serra, MT, que tinha informações a respeito da aldeia Paraíso localizadas na Terra Indígena (T.I.) Pareci, tratando-se de uma aldeia onde estariam iniciando uma roça nova, e que o cacique tinha por costume realizar a festa do oferecimento e seguir os rituais.

A pesquisa buscou e respeitou toda a legislação relacionada ao acesso dos recursos genéticos e informações associadas, considerando aspectos éticos, obtendo autorização formal tanto dos órgãos envolvidos, FUNAI e CGEN (Conselho de Gestão do Patrimônio Genético), quanto dos membros da aldeia da etnia onde foi desenvolvida.

Visitas mensais a aldeia selecionada e, por conseguinte aos locais de produção, ou seja, a roça foi efetuada ao longo de dois anos iniciadas no mês de fevereiro de 2008 com término em dezembro de 2009. Este período favoreceu o acompanhamento mensal das etapas da feitura da roça até a festa da colheita ou festa do oferecimento como denominada pelos indígenas.

Outras técnicas de coleta de dados baseadas em métodos empregados em antropologia cultural foram utilizadas, seguindo os preceitos da observação participante, buscou-se a participação na vida cotidiana do grupo, onde o pesquisador observa as pessoas que está estudando para ver as situações com que se deparam normalmente e como se comportam diante delas (Neto, 1994; Greenwood 1973; Becker, 1993). Tendo por base as orientações de Viertler (2002) a respeito do registro dos dados em pesquisas sociais antropológicas, o uso de um diário de campo foi fundamental, sendo que as anotações ocorreram sempre ao final do dia.

Foram utilizadas também entrevistas informais realizadas durante as primeiras fases da observação participante, sendo que a maioria das entrevistas foi feita com as famílias moradoras da aldeia Paraíso e com moradores das aldeias próximas situadas na T.I Pareci e Juininha (aldeia Juininha, Três Lagoas, Papagaio I, Papagaio II, Uirapuru e Zatemaná), nas quais, os membros da aldeia selecionada para acompanhamento da festa do oferecimento da roça, mantinham laços familiares. Entrevistas não estruturadas e semi-estruturadas também foram utilizadas (Bernard, 1988).

O registro em vídeo e fotográfico foi efetuado junto aos informantes, percorrendo as áreas de cultivo, os roçados. Participou-se da colheita e processamento da mandioca, das tarefas femininas como, por exemplo, o preparo dos alimentos e preparo das bebidas tradicionais.

O acompanhamento de cada etapa da roça ocorreu através da observação e participação nas tarefas executadas pelo grupo, sempre que possível, pois havia trabalhos destinados apenas aos homens, e a pesquisadora procurou realizar apenas as tarefas femininas, como a pesca nas lagoas com timbó e colheita dos itens cultivados na roça, evitando não interferir em conceitos de divisão de trabalho instituído pelo grupo, já que indiretamente foi alertada que “*não era trabalho da mulher derrubar árvore ou sair em caçada*”, nesses momentos, ocorria apenas a observação.

CARACTERIZAÇÃO E LOCALIZAÇÃO DA ALDEIA PARAÍSO, T.I PARECI: A ÁREA FOCAL DA PESQUISA

A aldeia Paraíso está situada na T.I. Pareci fazendo divisa com a T.I. Juininha, está a lat. 14°35' 7,54"S e long. 59° 1'S 20,98'S, distante cerca de 300 km da sede do Município de Tangará da Serra – MT (SAD 69 Brasil, IBGE). Sua população é representada por cerca de 30 habitantes, reunidas em três famílias.

A vegetação ocorrente na região é a de cerrado, sendo que a fitofisionomia dominante que circunda a aldeia Paraíso é a de campo sujo. O campo sujo é caracterizado pela

presença marcante de arbustos e subarbustos entremeados no estrato herbáceo, e as plantas podem ser constituídas por indivíduos menos desenvolvidos das espécies arbóreas do Cerrado (Ribeiro e Walter, 1998).

A aldeia é composta por duas casas tradicionais, outras duas de madeira, uma escola de alvenaria, um pequeno galpão e um galinheiro. No quintal próximo das casas é cultivada abóbora (*Cucurbita* sp.), cabaça (*Lagenaria siceraria* Standl), um pouco de mandioca (*Manihot esculenta* Crantz), batata-doce (*Ipomoea batatas* L.) além de algumas frutíferas como manga (*Mangifera indica* L.), caju (*Anacardium occidentale* L.), siriguela (*Spondias purpurea* L.); jaca (*Artocarpus heterophyllus* Lam.); mamão (*Carica papaya* L.); laranja (*Citrus sinensis* L.) e poncã (*Citrus reticulata* Blanco), e uma pequena plantação de abacaxi (*Ananas comosus* (L.) Merrill).

O núcleo familiar da aldeia Paraíso é composto pelo cacique, o senhor B. G. O, que tem de 50 anos de idade, é casado com a senhora I. O. com 45 anos de idade. Juntos tiveram nove filhos, sendo três casados e já com suas famílias constituídas moram em aldeias próximas. Um dos filhos casados mora atualmente com sua esposa e seus três filhos na aldeia Paraíso, e sua esposa é professora primária nesta aldeia. Também mora nesta aldeia a família da senhora D. O., que é composta pelo seu filho J. O., com 30 anos de idade, uma filha com 35 anos, o genro e duas crianças. Esta família é parente do cacique. Além destes moradores fixos, cerca de dez jovens oriundos de outras aldeias estudam na escola e durante o período letivo residem na aldeia.

Nas aldeias do povo Halíti, a renda que circula provém das aposentadorias, dos salários dos professores indígenas e agentes de saúde indígena, da comercialização de produtos como mel, farinha, alguns frutos do cerrado como pequi, pitomba, entre outros. Existe ainda a renda obtida do pedágio e da “parceria agrícola” entre alguns produtores e algumas aldeias para o desenvolvimento da lavoura mecanizada, sendo isto ocorrente na aldeia Paraíso que participa da “parceria agrícola” juntamente com outras aldeias da região.

RESULTADOS

Beber chicha, comer beiju com carne de ema, dançar zolane, até que Zaluya vire sol... (Homem indígena 59 anos, caderno de campo, 2009).

A etnografia da festa foi baseada nas anotações do caderno diário-de-campo, bem como nos registros em vídeo, áudio, fotos e principalmente na observação participativa, onde a pesquisadora participou ativamente da festa. Acredita-se que a narrativa pessoal transmiti com maior fidedignidade os elementos desta fase da pesquisa.

As festas tradicionais dos Halíti são de batizados de crianças ou adultos quando trocam de nome⁵, de colheita ou do oferecimento da roça nova e da menina-moça ou, ainda

⁵ Quando alguém é acometido por uma doença grave, os Paresí dizem que seu nome é “fraco”, e que seus parentes deverão realizar uma festa de chicha para “reforçar” ou mesmo trocar o nome. É interessante assinalar também, que no ritual de menina-nova o nome da menina-moça é “reforçado” (Costa, 1985).

em agradecimento a Deus *Enoré* pela cura de alguma doença. Costa 1985 registra que os Paresí qualificam suas festas em grandes e pequenas. As festas grandes – “oloniti kalore” – são aquelas que congregam várias aldeias e, em geral, ocorrem por ocasião da celebração de rituais de passagem individual (nomação e iniciação de moça púbere). Para esse tipo de festas todas as aldeias são convidadas em potencial. As festas pequenas ou “festinhas” mobilizam, preferencialmente, os moradores de uma aldeia que, via de regra, convidam seus “ihinaiharé kaisereharé”⁶, para juntos celebrarem a passagem de mais um ciclo de trabalho agrícola. Além disso, outra observação importante da autora citada foi a preocupação da diminuição das festas, e durante o período da coleta dos dados ficou claro que este fato vem ocorrendo com maior intensidade na atualidade. Muitos indígenas alegam que hoje em dia é muito caro fazer festa. Observa-se que durante as festas embora se consuma carnes de caça acompanhada de beiju e chicha, outros itens como arroz, feijão, leite, bolachas e refrigerantes são consumidos em grandes quantidades, e a obtenção destes alimentos demanda um custo alto.

Nessas festas ocorre uma dança denominada de *zerô* e outra dança que é o *zolane* ou *zulane* que pode ser também o nome dado à própria festa. Conforme depoimento de um indígena Haliti, tem-se a seguinte explicação a respeito destas danças:

“O zerô que é feita em uma festa realizada durante o dia, é feita para comemoração de recuperação de doente, de menina que vira moça, de batizado, ente outros, é para uma festa pequena, não muito grande. O zerô dura em torno 3 dias, mas a dança dura 30 minutos, depois tem um intervalo e toma chicha, e prepara-se a carne de caça que pode ser de ema ou de outro bicho, depois se dança mais um pouco, depois todos comem” (Informação pessoal, 2008).

“No zerô existe um dono da festa que é um espírito, ele é o Zerô, ele cuida para não ficar doente, todos podem dançar o Zerô, mulheres, crianças, velhos e homens. É uma festa para o santo, Zerô tem uma fonte de bebida só para ele (bebida é chamada chicha), todos podem beber a chicha, até as crianças. O Zerô pode acontecer a qualquer momento, ou pode ter um dia para dançar o Zerô. A chicha é feita de polvilho de mandioca, ou com milho. Usa vestimenta feita de algodão para dançar o Zerô, tem as pinturas que se faz. Também os homens tocam uma flauta e os outros cantam. Essa flauta é feita de bambu, mas não pode ser qualquer bambu, tem ser um especial do que faz a flauta sagrada” (Informação pessoal, 2008).

*“Já a dança **Zolane** é semelhante ao Zerô, mas é uma festa mais grande, onde chama outras aldeia todas para participar. E tem o dono da festa que vai dar a festa por algum motivo, principalmente da roça nova. Então ele vai nas outras aldeia convidar e pede caça, ai eles caçam. Os outros que foi convidado podem aproveitar e entrar na festa com seus motivos também, de batizado do seu filho, ou de alguém que recebeu fortalecimento, de qualquer coisa, ai junta todos e faz uma festa só. A caça preferida é a ema, também se dá presente no batizado da criança ou da pessoa”* (Informação pessoal de índio Haliti, 2008).

⁶ “*Ihinaiharé kaisereharé*”: Nas relações pessoais são traduzidos pelos Paresí como parentes verdadeiros ou legítimos e de *Ihinaiharé Sekoré* ou parente de longe de consideração (Costa 1985).

Segundo informações orais, a ida nas outras aldeias para convidar pode durar até 30 dias, e o Zolane pode durar 90 dias.

*“Depois a caça é recolhida, e depois os pajés fazem oração para oferecer para **Enorê** (Deus), no outro dia chega os festeiros para dançar o Zolane, e as mulheres são as donas da festa, durante o dia o Zolane é dançado dentro da casa, se tiver muita gente então dança lá fora. O Zolane também pode ser feito para celebrar a colheita da produção, tem canto uma música, para o dono da mata para poder ter mais produção, o dono da mata é **Waihalitho**, era assim que era”* (Informação pessoal, 2008).

Acompanhando todas as fases da roça dos Halíti, a festa do oferecimento foi citada como um dos principais momentos da elaboração da roça. Durante dos festejos fazem o oferecimento da produção e repartem a comida com convidados vindos de diversas aldeias indígenas.

Não foi possível acompanhar o convite para saber se ele ainda se dá na forma descrita por Rondon e Faria 1948 apud Silva 2003, mas foi observado que o convite foi realizado de maneira informal, onde se fosse encontrando os outros parentes, como por exemplo no prédio da FUNAI de Tangará da Serra, onde as vezes é ponto de encontro das aldeias. Também o cacique enviou seu filho para algumas aldeias da região para o chamamento à festa.

*“Depois que os caçadores retornam da caçada, o dono da festa, **harekahare**, ou um outro homem da aldeia, sai levando uma corda feita de tucum na qual são feitos nos indicando os dias que faltam para o início da festa. Chegando a aldeia a ser convidada, o dono da festa profere, no pátio central, o **manati**, uma “dissertação histórica ou religiosa que se faz nos festivais”* (Rondon & Faria 1948: 52 apud Silva, 2005). *Como introdução do convite, e relatado o mito da origem da mandioca, conforme o qual uma menina, aborrecida com o desprezo com que era tratada pelo pai, pede a sua mãe que a enterre no mato. Do corpo da menina surge a mandioca”*.

Estiveram presentes na festa do oferecimento dezessete aldeias, com cerca de quase cento e cinquenta pessoas entre adultos e crianças da etnia Haliti. Ressalta-se que entre os participantes, apenas um professor da aldeia Três Lagoas, o auxiliar de enfermagem da Associação Halitina e a pesquisadora, não faziam parte da etnia Halíti.

Três importantes comemorações festivas ocorreram na aldeia Paraíso durante o período da minha permanência entre este grupo, e vivi intensamente esses dias, sendo que as comemorações foram agrupadas em uma única festa, a de batizado de criança, a de batizado de troca de nome de adulto tratando-se da esposa do cacique que ficara seriamente doente meses antes e teve sua saúde restabelecida e a do oferecimento da roça.

Neste período da festa, às vezes era tratada como dona da festa, onde tive a função de servir a todos, ou às vezes, apenas sentava e me punha a observar, na categoria de pesquisadora. Como já foi esclarecido, a linguagem que será adotada neste artigo, seguirá a forma narrativa:

Os Halíti possuem formas interessantes e intensas de comemorar a vida! Embora a festa tenha início com o arrancar da primeira mandioca, os últimos três dias são intensos. Quando chegam os festeiros, dança-se, canta-se e muita comida é servida a todo o momento! E nesse mundo onde o egoísmo faz parte do cotidiano, vi o sorriso nos olhos desse povo ao repartir sua comida com seu vizinho, seu parente, seu amigo e com estranhos! No final da festa até a formiguinha vem buscar o restinho da festa... E tudo o que sobrou lhe é dado.

Presentes como pacotes de açúcar, bolachas, mandiocas, doces, são levados a algumas pessoas que representam famílias de outras aldeias. É assim, uma das formas que os Halíti encontraram para fortalecer sua união diante de um sistema capitalista onde é cada um por si!

Começaram os preparativos, que consistia em limpar o pátio retirando todos os tocos, para que ninguém se machucasse. Foram construídas duas casas de palha, uma era para abrigar a família do irmão do cacique e quantos mais coubessem lá, e a outra, de tamanho maior, era a *casa-da-flauta mágica* ou *da jararaca* ou ainda como é também denominada de *Yamaka*⁷. E, além disso, outros caçadores chegaram com algumas armas de fogo e arcos e flechas, iniciando o ciclo da caçada.

O pai de Dona I., o senhor J. B. foi um dos primeiros a chegar, e quando cheguei, veio educadamente cumprimentar-me. É o Haliti mais idoso da região, ficando sob sua responsabilidade entoar as falas e cantos da festa, pois é detentor deste conhecimento. É morador na aldeia Juininha, e tem a idade de 86 anos, embora me dissessem que sua idade é bem superior a isso.

Acomodei-me, armei a rede no local indicado, e fui até o rio tomar um refrescante banho, para depois almoçar. Estava descansando na rede quando as mulheres mais velhas começaram a preparar mais chicha. Esta chicha é a de polvilho torrado que eu ainda não tinha visto preparar. Fui ajudá-las.

Enquanto almoçava arroz, feijão, e beiju, observei que o senhor J. B. preparava um pequeno estandarte com varinhas de taquara e cigarros. Perguntei-lhe o que era, e, ele me disse que era para o oferecimento, para fazer o “fumaceiro”, e que antes era feito com fumo plantado, mas que agora eles não plantam mais fumo, então fazem com cigarros comprados na cidade. Nesse momento ele enfatizou que eles não fumam e nem bebem e que o oferecimento da roça era para Deus, e o tempo todo ele me falava sobre Deus a Bíblia, etc. Percebi então a forte influência dos missionários evangélicos mesclando-se a esta cultura. Creio que como baniram o hábito de fumar de algumas aldeias, junto foi também o hábito do cultivo do fumo, outrora importante para os mais diversos rituais indígenas Halíti. Mas um dos vários pedidos ouvidos é para conseguir sementes ou mudas de fumo. D. I. trançava folhas de buriti, onde seria posto o beiju para ser oferecido.

⁷ *Yamaka* ou *jararaca* segundo Pereira (1986) é o nome dado as flautas secretas, as quais as mulheres não devem avistar. Tais objetos ficam cotidianamente guardados numa casa especialmente construída para elas e denominada *yamaka hana* (em que hana = folha, casa).

Seu J. B continuava a conversar comigo e dizia que se não fizessem o oferecimento da roça que Deus mandaria castigo, como: picada de cobra, raio, bichos para atacar a roça, disse que Deus tem os polícias Dele para fazer isso.

Mas tarde, ai que frio! Acho que a temperatura deve ter chegado a uns 3°C, porque depois soube que em Tangará da Serra, nesse mesmo dia fez 5°C e que duas pessoas morreram de frio, e que em Conquista d' Oeste chegou a 9°C. Apesar de estar vestida com roupas adequadas e com saco de dormir para suportar até 5°C passei muito frio e havia pelo menos três fogueiras acesas, e de nada adiantou! Mantendo o hábito, todos se levantaram bem cedo e foram até o rio banhar, exceto eu, sinto muito, ainda fazia frio para mim.

Depois do café fomos até Conquista d' Oeste para comprar alguns itens (açúcar, mais cigarros) para a festa. Isso durou quase o dia todo. Ainda pelo caminho Z. e seu esposo coletaram galhos de uma planta, que utilizam como suporte para as cabaças de chicha, ajudei-os nessa atividade. Na volta paramos na aldeia Juininha, onde conversei um pouco com V. Fazia muito frio! Chegamos já ao anoitecer, nem banho tomei, comi um pedaço de beiju com carne de veado e fui dormir.

Apesar do frio que fez na noite anterior, acordamos cedo, e fui com as mulheres para o rio tomar o banho matinal. A água esta morna, o problema é que ao sair da água o vento frio arrepia até a alma! O gole de café quente acompanhado de beiju com carne de veado moqueada reaqueceu-me e preparou-me para o dia cheio de afazeres. Dali a pouco chegaram alguns homens trazendo caça (um veado mateiro e uma ema). Logo puseram-se a limpar os bichos e as crianças ao entorno às vezes brincavam com os animais mortos.

Disseram-me que se alguém quebrar a dieta, a chicha do cocho azeda, e maus agouros podem acontecer, acidentes, entre outras fatalidades. Como eu ajudei a colher e a limpar a mandioca, me avisaram que eu também deveria fazer a dieta. Segui todas as instruções como foram recomendadas, porque agora eu era também dona da festa. No entanto não me avisaram sobre o não comer ovo. E a mãe de Z., estava com uma gema de ovo de ema na mão e me deu um pedaço. Quando comi com beiju, estranhamente não consegui engolir, salivava, e foi se formando um bolo na minha boca e um gosto muito desagradável de sangue, não tive alternativa se não a de cuspir fora (claro que discretamente). Depois mais tarde me disseram que as mulheres que mexem na mandioca não podem comer ovo de ema!

“O dono da festa, bem como, as mulheres que preparam a chicha ou as comidas da festa devem se abster de sexo, determinados alimentos como ovos, gordura de ema, peixe, não pode brigar ou discutir com outras pessoas. E os homens, devem evitar contato com as mulheres, até mesmo conversa” (Informação pessoal, 2009).

Observei que alguns homens desceram até o rio e buscaram o tronco do buriti. Este tronco é chamado de cocho, onde será armazenada a chicha. Depois de aumentar

a abertura deste tronco, atearam fogo dentro, deixando o interior escuro. A chicha é ali armazenada e coberta com folhas verde, e só será aberta no dia da festa.

Durante o decorrer do dia, todos trabalhavam daqui e dali. Os homens continuam a construção da “casa dos homens”, onde iria morar temporariamente a Jararaca, a flauta sagrada. As mulheres não podem nem olhar para ela, sob pena de severos castigos. Outra casa coberta com babaçu foi construída para alojar o senhor A. e sua família. Estão todos animados para a festa, inclusive eu!

Almoço: arroz, feijão, carne de porco, beiju, farinha. Segue-se trabalhando daqui e dali, limpando o pátio, toma-se banho no rio, lava a louça, tira mandioca, lava, rala, faz beiju, assa carnes e, assim segue o dia ao som dos risos das crianças que brincam soltas no quintal, até que pelo entardecer chegaram os caçadores com emas e seriemas, foi um alvoroço, a cada chegada de caça é uma festa.

Logo depois do café, acompanhei as mulheres na roça para retirada de mandioca, Dona I. e a esposa do senhor P.. Fiquei espantada com o peso que ela carregou da roça até aldeia, o saco de mandioca devia pesar em torno de 30 kg! Limpamos e ralamos para o preparo de mais massa de beiju. Tomando chicha e comendo beiju passamos a metade do dia trabalhando e vez por outra, alguém chegava com mais caça.

...foi feito um beiju grande a moda tradicional, ou seja, feito no chão, na areia que é retirada do fundo do rio. A fogueira é acesa em cima desta areia, não se usa nenhuma vasilha, põe-se a massa na areia quente e cobre com brasas. Disseram-me que era assim que faziam há muito tempo atrás quando não conheciam panelas. Nesta massa, além da massa feita da mandioca ralada, acrescenta-se o polvilho, e não se tem um grão de areia quando se come o beiju! Comemos com frango assado, arroz e feijão (caderno de campo 2008).

...depois de torcer a massa da mandioca, se retira um líquido de coloração amarelada, que é levado a fervura na fogueira alimentada por madeira um pouco mais grossa, é preciso ferver bem, por pelo menos 40 minutos. O caldo fervido fica com um aspecto grosso, levemente adocicado, e é logo consumido principalmente pelas mulheres e crianças, sendo também a minha preferida, esta chicha chama-se nokaxá. O sabor é diferente da outra chicha torrada e da fermentada preparada somente em ocasiões de festejos (caderno de campo 2008).

Depois do almoço, fui com Z. até o rio lavar roupa, lá conversamos bastante e ela me falou novamente sobre a dieta, contou-me uma história: *...uma mulher de uma aldeia não respeitou a dieta que veio um raio e partiu ela ao meio... E que quando isso acontece não pode juntar as partes... As partes se juntam sozinhas, se ninguém mexer, nossa festa é muito perigosa!* Entendi como um aviso, para seguir rigorosamente tudo o que tinha sido dito.

Pela tarde resolvi caminhar um pouco, a mãe de Z. me acompanhou, e durante o caminho fomos conversando, então ela me mostrou uma planta chamada arnica do campo usada por mulheres que deram à luz: *...elas tomam chá da raiz, um pouquinho só. Aí a criança vai cagar mole uns três dias, e nunca mais vai ter dor de barriga. É pra limpar por dentro. E também é boa pra machucado, se você leva uma pancada na perna é só por em cima.*

Foi quando avistamos o caminhão do cacique e do senhor A. que retornavam da caçada. Voltei rapidamente para a aldeia, haviam trazido mais veado e seriema. Observei que algumas partes eram separadas e postas para assar e depois guardadas em cima de um jirau para a festa. Outras partes eram divididas entre as casas de Z., dona D., a do senhor A. e a de do cacique S. D. Tudo o que chegava era assim repartido, ninguém fica com fome na aldeia! Tudo é aproveitado, desde as melhores partes do animal abatido até seus miúdos.

Banho! Fazia um friozinho a noite, mas, o céu estava espetacularmente cheio de estrelas e a lua refletida na areia clara da aldeia tornava a noite quase dia!

Acho que era domingo. Por volta das três horas da madrugada seu J. B. começou a conversar, achei que ele estava passando mal. Mas logo ele se pôs em pé e parecia rezar, e sempre dizia as palavras Jesus Cristo, e por fim, como encerram alguns segmentos religiosos suas orações: *em nome de Jesus!* Não demorou muito foram tomar banho no rio, como ainda estava escuro, resolvi esperar amanhecer para ir banhar.

Café, beiju e só, para o desjejum! Filmei mais um pouco a roça. Continuamos a trabalhar, assam carne, fazem chicha, limpa-se o quintal. Creio que já devem estar por aqui para mais de 30 pessoas. No almoço comemos arroz, feijão e carnes de caça! Agora vi que assavam tatu na fogueira!

Depois do almoço banho no rio. E fomos raspar mais mandioca, para fazer mais chicha e massa para beiju. Depois fui ajudar na limpeza do quintal, minhas mãos ficaram com bolhas!

No dia seguinte o cacique S. D. seguiu para Tangará, eu o acompanhei, embora tenha percebido que Z. não queria que eu fosse, mas precisava ir. Saímos cedo, por volta das 04h00min da madrugada e, chegamos por volta das 11h00min da manhã. 15h00min retornamos. Lá pelas 19h00min chegamos na aldeia. Estava exausta! Tomei um banho no banheiro e cai na rede, nem notei o desconforto!

Eram 03h00min da madrugada quando iniciou um “*converseiro*”, risos, e o cheiro do café deixava ainda mais mágica aquela cena que eu da rede observava... Pessoas saindo e entrando, então percebi que o número de pessoas havia aumentado ainda mais. Banho matinal, café com beiju e frango frito.

Dona I. preparou mais chicha e mais beiju. Tudo era colocado em um jirau, de um lado as carnes e de outro os beijus, e em baixo o tronco do buriti (o cocho) com a chicha.

Hoje realmente senti a necessidade de ter aprendido a falar a língua dos Halíti. Os homens estavam terminando a casa do senhor A., e colocavam palhas de buriti para formar a parede. Quando perguntei do que era aquela folha, J. O. respondeu alguma coisa e todos os demais olharam para mim e riram. Fiquei um pouco chateada, fotografei e saí logo dali. Estou cansada, dormi um pouco na rede.

Foram montados forquilhas onde colocou-se beiju, carne de caça com a cabeça do animal, cigarros e cabaças com chicha. Essas forquilhas foram pintadas com urucum, *essa é a cor da beleza* uma das mulheres me disse.

Lavamos a louça do almoço no rio: arroz, feijão, carne moída, beiju, asa de seriema assada e chicha. Hoje fez muito calor durante o dia. Pela tarde ajudei Z. a fazer pão, que também seria oferecido durante festa. A tarde passou rapidamente, todos trabalham sem parar. Apesar do calor intenso, e em pleno meio dia o senhor J. com um fôlego inabafável, rastelava o quintal, e me dizia sempre: *Tudo tem que estar bonito, limpo, para Deus...*

Pela madrugada fomos acordados pelas pessoas que já chegaram para a festa trazendo mais carne de caça. Logo todos despertaram, as mulheres seguem a rotina de trabalho. Um pouco antes do almoço chegaram os caçadores que haviam saído pela manhã, com mais caça, e dessa vez um tatu foi abatido, além de um casal de veado mateiro. Tudo era imediatamente limpo, repartido e a parte traseira do animal, juntamente com a cabeça, era posta para assar na fogueira que era mantida acesa o tempo todo.

Seguindo as tarefas femininas, fui para o rio lavar louça e conversar com dona R.. Na volta comi carne de veado socada com beiju de polvilho, uma delícia!

Figura 4 (A, B, C e D): Preparativos para festa: Artefato trançado de folhas de buriti (A). Preparo do cocho com o tronco do Buriti para armazenar a chicha fermentada (B). Massa da mandioca ralada (C), e beiju (D) alimentos tradicionais para serem consumidos durante a festa na aldeia Paraíso, etnia Halíti, MT. (Fotos da autora).

Depois fiz um chá digestivo que sempre levo comigo, para a dona R., ela estava se queixando que a barriga estava inchada, e também se queixava de dores. Mais tarde ela disse que o chá lhe fizera bem, que havia melhorando. Todos estão muitos empenhados nas tarefas, a festa está se aproximando. Dormimos cedo! Mais pessoas chegaram junto com o cacique S. D., lá do Uirapuru, e mais caça também.

Segue a rotina, acorda-se cedo, banho, café com beiju, e só!

Ajudei a limpar o quintal, que é enorme, e, quando estava lá ajudando o senhor J. B., me falou da visita de um passarinho que Deus envia para visitar o preparo da festa.

Um carro da saúde visitou a aldeia, conheci o auxiliar de enfermagem chamado Ed.. Conversamos sobre os acontecimentos na aldeia, saúde, etc.

As mulheres preparam mais pão. Mais beiju, mais carne, mais chicha. Mais e mais comida.

Noite calma, está calor, o céu esta estrelado, a lua brilhante no céu clareia o entorno da casa que até quase parece dia. Amanhã é o grande dia, começa a festa do oferecimento, como todos aqui também estou ansiosa, talvez mais que todos, mas consigo dormir.

Acordamos bem cedo, também acompanhei o ritmo, banho matinal no rio, café com beiju e carne de veado assada. Logo pela manhã outras pessoas chegam para a festa.

Entre uma tarefa e outra conversei com senhor P. (morador de uma aldeia vizinha) ele também planta roça. Na sua roça cultivava banana, mandioca brava e mansa, batata-

-doce e cana. Ele disse que gostaria muito de plantar milho fofo e cará-roxo, mas que isso tá cada vez mais difícil por aqui. Então disse a ele que talvez conseguisse cará e o milho para ele plantar, ele me disse que vai começar nova roça agora em agosto.

Um pouco antes do almoço fui com dona R. lavar louça no rio. E durante nossa conversa ela me contou sobre uma planta que as mulheres tomam para não terem mais filhos. Ela disse que toma o chá da raiz desta planta três vezes ao dia por seis meses, e o útero da mulher vai secando, segundo ela, não tem mais retorno, que não terá filhos. Falou-me de outra raiz que as mulheres tomam para não menstruarem todo o mês, apenas a cada três meses. Depois subimos e fomos ajudar a terminar os últimos ajustes para a festa.

Um pouco antes do almoço, o senhor J. B. tomou banho, vestiu uma roupa com gravata, e todo alinhado, deitou-se na rede. Então J. me avisou que ele iria fazer o oferecimento, liguei o gravador para registrar o canto. Esperava um cerimonial, que todos parassem seus afazeres, mas nada disso aconteceu. Por volta do meio dia, ele iniciou um canto lamurioso, e eu nada compreendia, e, quando perguntei para J. o que ele dizia ela disse que não sabia, apenas que ele estava agradecendo a Deus pela fartura de comida. E assim foi por pelo menos quarenta minutos, quando ele encerrou tudo. Pronto já estava tudo oferecido! Pensei: só isso? Pronto? Acabou? Não, mal tinha começado!

Almocei e dona R. me contava como foi sua experiência no Utiariti⁸. Hoje tem uma aldeia lá, mas no passado os missionários construíram um internato indígena. Ela me disse que era bonito, com muitos quartos, árvores, tinha muitos índios pequenos. Eles eram levados de suas aldeias, de suas famílias pra irem morar naquele lugar. Disse que aprendiam coisas, mas que também tinham que trabalhar muito e que as freiras batiam nas crianças, nas meninas, que ficavam marcadas. E que muitos quando iam visitar os pais nas aldeias não queriam voltar mais, e outros fugiam para o mato. Ela disse que não deu tempo para aprender quase nada porque ela ficou lá apenas um ano.

Nossa conversa foi interrompida pela chegada do S. D. com a carne que o fazendeiro havia dado para a festa. Segundo ele, era um boi inteiro que o fazendeiro deu. Então cortaram repartiram entre as casas, cozinham um pouco, e guardaram outras partes na fazenda São Paulo. Pelo final da tarde comecei a espirrar muito, pronto estava resfriada! Mesmo tomando aspirina, continuou.

Quando estava indo para o rio lavar a louça, dona D. me alertou que nesses dias de festas as mulheres não podem sair sozinha, nem durante o dia e principalmente de noite, teria que estar acompanhadas de outra mulher, sob pena de ser atacada pelos homens. Mais tarde fui checar isto com Z., que disse que isso só acontece com as mulheres que queriam que isso acontecesse... Então tratei rapidamente de lavar a louça e já tomar o

⁸ “Utiariti: O Marechal Cândido Rondon, criou para os índios, duas escolas, uma espécie de internato, uma era na estação Ponte de Pedra e outra no Utiariti, que funcionavam, nos primeiros tempos, com professores levados do Rio de Janeiro, sob a direção do encarregado de cada estação. Essas escolas comportavam as crianças indígenas das mais variadas etnias do estado do Mato Grosso, eram órfãos, ou muitas vezes retiradas de suas famílias e levadas para lá estudar longe de seus familiares e de seus costumes, era proibido a comunicação no idioma nativo (Costa, 1985; Machado, 1993).

banho. Pela tardezinha fiquei conversando com o pessoal, enquanto C. (uma das filhas de S. D.) fazia bolo. A escurecer arrumei a rede e já me deitei, não estava muito bem, meu nariz ardia muito, além da fumaça, o calor e a poeira incomodavam muito, olhei ao entorno e percebi a quantidade de redes que se aglomeravam umas por sobre as outras dentro da hati formando um belo mosaico com as cores dos tecidos (Figura 5).

Figura 5. Menina Halíti na rede durante a festa do oferecimento da roça na aldeia Paraíso, etnia Halíti, MT. (Foto da autora).

ATYÔ, ABÊ E AZÊ VEM NOS VISITAR, O DIA DA FESTA CHEGOU!

“Aytô, Abe e Azê vem nos visitar, o dia da festa chegou”, foi o que ouvi alguém dizer antes de adormecer com meu nariz ardendo tanto pela fumaça que cobria que vinha da defumação das carnes, mas mais ainda pelo resfriado que me afligia, e sem nada entender daquela frase, imaginei que seria algum parente que há tempos não viam e que viriam para a festa, e de fato era mesmo, mas não só os vivos... (caderno de campo, 2009).

Eram três horas da madrugada quando chegaram algumas pessoas. Não pude ver ao certo quem eram por causa da pouca luz que vinha da fogueira. E, logo as mulheres saíram para tomar banho (eram umas quatro horas da madrugada!), permaneci um pouco mais deitada na rede, depois vencida pelo ânimo das outras, fui para o rio, seguindo o ritual de banho madrigal.

Hoje no café da manhã comi beiju com carne de boi cozida e café. Alimentação reforçada pela manhã, o dia prometia ser agitado. Depois um pouco mais tarde Z. insistiu para que eu fosse ficar lá na casa dela. Acabei concordando e antes do almoço levei minhas coisas para lá, embora achasse que deveria ter ficado ali na casa de S. D, pois era a casa principal onde aconteceriam os eventos. Mas como estavam me alertando que ali ficaria muita gente muita rede, acabei concordando. Almocei na hati do cacique, fiquei por lá ajudando daqui e dali, limpei mandioca, fiz café, suco, chicha, bolo, beiju, tudo o que é serviço que foi aparecendo, lavando panela, pratos, mais mandioca pra limpar... Foi quando o barulho dos fogos nos alerta para a chegada dos festeiros. Um alvoroço. Os homens da casa foram encontrá-los. E logo retornaram para atender ao pedido dos festeiros. Levaram carne de veado assada, beiju, chicha, depois suco, café, biscoito e cigarros. E este vai e vem, durou por horas a tarde toda. Segundo informaram deve-se atender aos pedidos dos festeiros, eles podem pedir comida, bebida e fumo (no caso cigarro, quase não há cultivo de tabaco), e o dono da festa deve atendê-los, caso não atenda isso é motivo de desprestígio para a festa e para a aldeia anfitriã. Lá estão os cantadores da festa, os que irão cantar a noite toda.

À medida que a tarde ia findando-se, uma euforia tomava conta de todos, mas especialmente das mulheres, e eu as acompanhava nesta emoção. Na chegada dos festeiros convidados, elas têm que ficar reclusas na casa com as crianças. Esclareceram-me que

neste momento os homens festeiros chegam primeiro e depois vem suas mulheres com as crianças.

Então de repente um corre-corre se iniciou e eu estava lá fora, e como descrito por Costa é a chegada dos festeiros.

...Eles permanecem na região que circunda a aldeia e se vestem com roupas especialmente reservadas para essas ocasiões. Mais tarde, os primeiros convidados, apenas os homens, adentram o pátio da aldeia. Dois dentre eles são designados zekahatihareze o “festeiro malvado”, e empunham varas compridas com penachos em suas pontas denominadas iohoho, com as quais batem nas casas onde estão as mulheres da aldeia anfitriã: a simulação do ataque cessa com a chegada dos anfitriões trazendo chicha. Num dos lados da aldeia, juntam-se todos os homens para quebrar o tanoha, duas varas de tamanhos diferentes que são colocadas sobre duas estacas fixas ao chão e rompidas pelos homens com a utilização de seus ombros. As varas quebradas, pintadas com círculos feitos de urucum, são entregues aos donos da festa e levadas em seguida para a casa das flautas, Yamaka, permanecendo ali durante um tempo e depois dispensadas (Costa 1985).

Corri para dentro da hati, obedecendo toda a etiqueta passada, juntei-me às mulheres, e, quando as duas portinholas se fecharam, confesso que meu coração ficou tomado por uma estranha emoção. Conversas, choros das crianças, um medo não sei de quê. Lá dentro tudo era escuro em plena tarde clara, uma sensação mista de prisão com segurança. Os homens que chegaram freneticamente batiam nas paredes de palhas da hati, e enviavam varas que transpassavam para o interior da casa, enquanto faziam estranhos sons de urros para assustar as mulheres e crianças que no interior da casa corriam de um lado para o outro, simulando medo e as crianças choravam buscando a proteção de suas mães. Eu procurei ficar no centro para não correr o risco de ser atingida por alguma daquelas varas.

Foi quando os homens donos da festa levaram chicha e serviram aos primeiros festeiros que chegavam, estes beberam e foram embora, somente então fomos liberadas para sair para o quintal. Indaguei: Mas já foram? E A. me respondeu: *Veio experimentar chicha, depois voltam!* Hã, bom, respondi.

Não se passaram duas horas e novamente o corre-corre e a euforia tomou conta novamente da aldeia. Entramos para a hati e lá permanecemos, olhei pela fresta das portinholas, e vi que o cacique S. D. pusera duas bacias contendo beiju e uma outra com carne. Os festeiros, apenas os homens, agora muitos, mais de cinqüenta, chegavam e passavam por um “portão” feito de tronco de árvore, e num ritual quebraram o tronco que servia de divisória, e comiam beiju e carne assada, além de beberem chicha, mas dessa vez não houveram as batidas nas paredes da casa.

Depois me explicaram que era uma espécie de recepção, de boas vindas. Como não entendo a língua, não sei o que foi dito. Não demorou muito os homens foram embora, e abriram-se as portas, fomos novamente liberadas. E logo as mulheres dos festeiros surgiram com suas crianças de todos os tamanhos, grandes, pequenas, de colo, mocinhas

e mocinhos (Figura 6). Dessa vez as mulheres foram recepcioná-las com chicha, suco e beiju.

Ao som dos foguetes os festeiros homens, mulheres e crianças, foram se acomodando, se ajeitando daqui e dali, um pouco na casa de Z., de dona D. e na que foi construída para o senhor S. A. e a grande maioria na casa do cacique, seguindo a tradição em que a dona da casa escolhe o local para amarrar a rede do visitante. E eu corria para lá e para cá, tentando ajudar de alguma forma, pegando água, lavando a louça, ajudando a servir a comida. Logo que escureceu todos estavam bem alimentados, os homens banhados e arrumados.

Quando veio o som da flauta, da Jararaca, nós mulheres não podíamos mais sair para o lado de fora da casa, até dar meia noite, sob a pena de ser xingada, maltratada e até mesmo de apanhar, sobre isso foi dito para mim, que antigamente as mulheres podiam até ser estupradas se desobedecessem esta ordem. Então os homens começaram a dançar pelo lado de fora da casa, às vezes em círculo. Sabendo disso com antecedência pedi ao professor de outra aldeia para que registrasse este momento.

A lua clara iluminava tudo naturalmente, o que me possibilitou observar pelas frestas das tabuas da casa da Z. que eram alguns poucos homens a dançar em um movimento de vai-e-vem em direção à casa principal. Os rapazes se distraíam com uma bola, jogando futebol. Mas aos poucos a linha de homens ia aumentando começou com cinco, sete, dez, e agora talvez vinte... E assim foi por longas horas.

De vez em quando paravam de cantar para tomar chicha, e, neste momento, as mulheres podiam se locomover de uma casa para outra, levando comida e bebida aos convidados. Aproveitei este momento e migrei para a casa do cacique. Chegando lá, vi as mulheres em redes uma por sobre a outra, crianças, uma barulheira. Fiquei por ali observando, mas logo Z. me chamou de volta para ajudá-la, e a dança dos homens recomeçou. E parou, e recomeçou... E eu, me movia de lá pra cá, atenta ao momento em que eles iriam entrar na casa.

Ao aproximar da meia noite fiquei lá na hati principal. E de repente eles entraram cantando e pararam. Um diálogo cantado começou entre um dos festeiros e o senhor J. B.

Por mais de quarenta minutos ouviu-se o entoar dessa conversa cantada. Quando um parava o outro começava, e, somente depois de um tempo foi permitido às mulheres que fossem ao rio tomar banho, e lá estava eu naquele frio, com o brilho apenas das estrelas lavando os cabelos. Logo estavam todas se arrumando, penteando seus longos cabelos negros, passando perfumes e deixando os lábios coloridos de maquiagem, às vezes vermelhos, às vezes rosado. A vaidade feminina está em todas as mulheres, todas queriam estar belas! Também troquei de roupas, arrumei os cabelos, afinal era uma festa.

Quando por fim findou o diálogo, foi servida a chicha que estava no cocho de buriti, aos cantores que a regurgitavam logo em seguida. Dessa chicha, provei um pouco, não a regurgitei, mas muitos a regurgitavam!

Então depois que comeram um pouco mais e beberam mais chicha, iniciou-se a dança do *zolane* ao redor da fogueira e uma música era entoada pelos mais velhos, não havia som de instrumento apenas canto, que os mais novos acompanhavam, mas quem sempre iniciava eram os mais velhos. A dança começou com apenas três ou quatro homens, depois foi aumentando e aumentando. As mulheres também dançam, e funciona assim: A mulher escolhe um par para dançar, e comunica para outro homem que esteja fora da dança, geralmente um mais velho, este então a coloca no círculo da dança junto ao escolhido. Sempre a combinação um homem e uma mulher e um homem e uma mulher. Às vezes duas mulheres escolhem o mesmo homem, então este homem é bem visto e tem que dançar bem porque tem duas damas.

As mulheres podem trocar de par se quiserem. E podem pedir presentes depois da dança aos seus pares, no entanto nesta festa Z. me disse que não poderia pedir porque, apesar da festa, ainda estavam de luto por causa de um parente que havia morrido. Depois me explicaram que isso era apenas na primeira festa após a morte de alguém, e esta já era a segunda ou a terceira, de qualquer forma, fiquei com vergonha de pedir o tal presente ao meu par! Achei isso interessante, o quanto mais as mulheres dançarem com pares diferentes, mais presentes podem ganhar

Foi quando Z. me chamou para irmos embora, já eram quatro da madrugada, não sei como estava agüentado, estava acordada há horas e bem cansada. Deitei um pouco na rede e fazia frio. Ao som da música que vinha da hati do cacique, adormeci por algumas horas.

Quando o sol raiou, a musica parou, o café foi servido aos festeiros que depois descansaram em suas redes, especialmente os cantadores. Os donos da festa se punham a trabalhar fazer comida, ralar mandioca, lava louça, limpa aqui e ali, já preparam o almoço; eu seguia no mesmo ritmo de trabalho. Entre as tarefas, pausa para ir ao rio tomar banho. Havia muitas pessoas de outras aldeias que eu não conhecia, o calor estava forte e não tinha água no banheiro da escola. Ao retornar ajudei com o almoço, arroz, carne cozida, salada de repolho e muito beiju.

Por volta do meio dia, o pai de dona I., o senhor J. B. iniciou um ritual de oferecimento da roça. Ele estava bem vestido, e em frente à casa da jararaca foram colocados quatro estandartes daqueles com beiju, carne de caça, chicha, suco, cigarros, fincados no chão, e uma bacia contendo mandioca cozida, beiju e mais carne. Ele então entoou um canto lamurioso que durou por quase uma hora, e somente depois as pessoas podiam pegar os alimentos e as bebidas e se servirem.

Enquanto isso, no rio acontecia o batizado do filho do senhor A. e o recebimento do novo nome de dona I. (que havia se recuperado de uma doença, uma forte pneumonia).

Tive que optar em qual desses estaria presente. Optei pelo oferecimento da roça. Depois vi o vídeo que Z. fez sobre o batismo da criança e o novo nome de dona I.

Um breve descanso na rede. E logo estávamos preparando a merenda da tarde para os festeiros. Nunca vi tanta comida ser distribuída assim com tanta alegria, com tanto prazer. Ainda estou meditando sobre o sentido dessa festa com tanta fartura, tanta comida. Além do ritual do oferecimento da roça, do batizado da criança, do novo nome recebido pela cura de dona I., também esta festa é para se fortalecer e/ou restabelecer os laços sociais.

Mas foi dito que esta festa *é como um pedido de desculpas...* Era uma referência aos conflitos que surgiram em algumas aldeias da T.I Juininha. Os laços sociais são fortalecidos nestes eventos, não se trata apenas de um ritual mágico-religioso, mas social, de convivência de harmonia entre essas pessoas, repartindo o que há de melhor na sua casa: a roça, o alimento, a chicha!

O cansaço já me fadigava, e o calor tudo piorava! Mesmo assim continuei a ajudar, tentando seguir o ritmo de todos, fui entrando quase que numa espécie de transe, movida pelo vigor da festa toda.

Quando depois escureceu, a dança reiniciou dentro da casa, e terminaria fora da casa com o nascer do sol. Eles dançariam até que noite virasse dia!

A dança seguiu noite adentro, o canto dava a marcação aos pés, tudo espantava o cansaço, e dava sempre lugar a novas forças. Sempre alguém me perguntava: você não vai dançar? E timidamente eu dizia: sim daqui a pouco. Preferi não dançar, pelo alerta dado, como dona da festa tinha que seguir as regras, estar ao lado de um homem por muito tempo poderia ser interpretado de forma errada, e, além disso, os donos da festa, não podem se divertir muito na festa, tem que trabalhar duro. Apenas observava tudo. As horas iam se passando, o círculo aumentava e diminuía durante as paradas para se beber chicha.

Acho que lá pela meia noite, eu já não agüentava mais, fui deitar um pouco, soube que lá pelas três horas da madrugada eles iriam sair e dançar pelo lado de fora. Então fui deitar.

Um pouco antes das três horas da madrugada acordei, e fui até a hati do cacique, e lá estavam eles, alguns homens e algumas mulheres ainda dançando e cantando ao redor da fogueira, e de quando em quando tomando chicha. Fiquei em pé por um tempo a observar e a admirar a resistência daquelas pessoas, em especial dos mais idosos, J. B. com 86 anos, e os outros, os quais eu encontrava com frequência no prédio da FUNAI; que resistência! Então fui chamada até a casa de Z. para ajudar a preparar o café da manhã, mais beiju, bolo, café e chá.

De repente uma voz que vinha do círculo de dança, entoava um som, perguntei o que significava, e a tradução foi a seguinte: *... onde está Zaluya? Não vejo mais Zaluya?*

Zaluya foi embora! Eu vou embora também. E, depois eles entraram para a casa dos homens, e tocaram a flauta por um tempo, ainda estava escuro, era já quase dia.

Continuei na minha tarefa fazendo café, lavando copos, arrumando o leite. O dia clareou, todos vinham tomar o café da manhã: pão, café, leite, beiju, carne de caça e ovo-frito.

Começaram a desarmar as redes, um vai vem pra lá e pra cá, de repente um aglomerado se formou em frente à casa dos homens e vi que a comida que sobrara estava sendo distribuídas as pessoas pegavam carnes, suco, chicha, tudo o que havia sobrado da festa, o que não era consumido, era jogado fora.

Quando de repente três homens e um jovem começaram a entoar um canto e uma dança em um vai-e-vem em frente à porta da hati principal. Perguntei o que era aquilo e me responderam que era a formiguinha que veio buscar o “restinho” da festa. E, os donos da festa o cacique e suas filhas, colocava à porta pacote de açúcar, litro de óleo, pirulitos, trigo, carnes, beiju, tudo o que ainda restava da festa, não podia ficar nada do que fora comprado ou preparado para a festa.

A formiguinha veio buscar o restinho da festa, exclamava um dos jovens. Achei aquilo muito bonito, repartindo até o final. Contagiada pelo espírito da festa, corri e peguei uma rapadura que trazia comigo, procurei por um dos cantores da festa e o presenteei, ele agradeceu com um sorriso, e logo guardou a prenda debaixo do braço.

Essa cerimônia havia sido descrita por Roquete-Pinto 1950 apud Pereira 1986 e chama *nazókolo*, onde no fim de uma festa de *olonití*, um festeiro põe um *xire* grande ou uma cesta (*kõ'hõ*) às costas e pede coisas ao dono da festa, falando assim: - *A formiga-de-fogo já vai embora. Ela mora longe, e quer alguma coisinha para a viagem.* Se o festeiro ganha alguma coisa, um outro, se anima e se junta ao primeiro e dançam os dois juntos, pedindo mais coisas ao dono da festa. Assim vão se juntando e pedindo mais coisas, até o dono da festa não ter mais nada. Então, alguns risos tomaram conta das pessoas, perguntei do que riam, e alguém traduziu o canto onde *uma das formigas* estava pedindo para que eu fosse consigo para sua aldeia, isso era o motivo dos risos, e eu apenas disse que não podia ir, e ri com eles.

Os carros saíam lotados e as pessoas pareciam felizes. Os festeiros, mostrando sua alegria, soltavam foguetes na despedida. Quando todos se foram, arrumei minhas coisas para também voltar para minha casa, já estava a quase quinze dias fora de casa.

Partimos em direção à Tangará da Serra, eu, o cacique, uma de suas filhas com o marido e um rapaz. Quando eu havia pensado que a festa tinha terminado, de repente fui alertada para cobrir e abaixar a cabeça. Ao perguntar o porquê, disseram-me que um homem ia pela estrada, bem a nossa frente. Até então eu não o tinha avistado, fixei o olhar na estrada e avistei alguém caminhando, com um saco nas costas. Depois me informaram que neste saco continha coisas da festa como carnes e beiju. Seguindo as regras, eu e a filha do cacique nos cobrimos e abaixamos a cabeça, não olhamos para trás.

Alertaram-me que, se olhássemos, coisas ruins poderiam nos acontecer. Como sou uma pessoa crédula, segui rigidamente tudo o que foi recomendado.

De quando em quando cochilava no banco do carro, afinal foram dias intensos, com pouco sono, pouca comida (os donos da festa não podem comer muito, somente o necessário) e muito trabalho. Cheguei em casa lá pelas 15h00min, muito cansada, com fome, contente e ainda em transe na euforia da festa! Não conseguia relaxar enquanto não relatasse para alguém pelos menos algumas partes do que vivi, então compartilhei parte dessa experiência com minhas filhas.

Num mundo globalizado, interconectado, cibernético, os Halíti estão situados no centro do agro-negócio, ilhados pela monocultura de grãos que alavanca uma economia concentradora de renda. Mas os Halíti da região pesquisada, deixam bem claro que estão vivos e vão permanecer no cerrado entoando seus cantos e dançando até que “*Zaluya vire Sol*”. E é por isso, e muito mais, que seu roçado resistiu aos quase 300 anos de contato. Eles teimam em fecundar a terra, para dela brotar a raiz branca da qual moldarão o beiju e o caldo da “chicha” (mesmo que seja guardada em garrafas pet!). Que as festas de *oloniti* permaneçam para manter fortes os laços de amizade, resistência e magias frente à nova face do desbravamento dos sertões brasileiros. *E esta foi uma das experiências mais interessantes, intrigantes e excitantes, que vivenciei entre os Halíti do cerrado matogrossense!* (caderno de campo 2009).

CONCLUSÃO

Após a convivência com os moradores principalmente das T.I Pareci e Juininha do povo Halíti, através da prática da observação participante ativa das atividades do cotidiano, principalmente da aldeia Paraíso, foi possível concluir que as práticas agrícolas no cultivo de alimentos, especialmente da mandioca, vêm sendo mantidas e tem profunda ligação com as festas do oferecimento e os rituais de batizado, da menina moça. No entanto nas outras aldeias da mesma T.I onde situa-se a aldeia Paraíso, observa-se a diminuição e já o abandono desta agricultura para obtenção de alimentos em favor das prateleiras dos supermercados das cidades vizinhas e conseqüentemente das festas culturais.

Como resultado verificou-se ainda que, nas atividades da roça, a festa do oferecimento é uma etapa componentes do calendário agrícola importante que além de nutrir o organismo também mantém a estrutura social deste povo.

Através do contato com o universo dos Halíti, em vários momentos presenciou-se diversas formas de impactos ambientais, que influenciam direta e indiretamente no cotidiano deste povo, desde o assoreamento dos rios, provocados pelas ações ao entorno da T.I, como a invasão da monocultura de grãos que adentra os “quintais” Halíti, provocando ainda problemas na saúde e desordem na estrutura social, já que os homens acabam se afastando das aldeias em busca de outras oportunidades.

Em outros tempos esse povo era dono de grandes porções de terras, onde podiam garantir e satisfazer suas necessidades físicas e culturais. Atualmente, encontram-se ilha-

dos pelo agronegócio e pelas áreas urbanas que aumentam cada vez mais seus limites, “forçando-os” a adotar novos costumes no estabelecimento dessas relações interétnicas, como, por exemplo, alterações nos hábitos alimentares, perda do cultivo de plantas utilizadas nos rituais como o fumo (tabaco), agora substituído pelo cigarro industrializado.

Durante o período de convivência com os Halíti houve relatos preocupantes a respeito das aldeias que estão perdendo hábitos da cultura indígena, como por exemplo, o não cultivo da mandioca, havendo aldeias que compram na cidade farinha de mandioca. Vários foram os motivos citados, desde o desinteresse dos mais novos, falta de sementes e ferramentas, até a dispersão dos homens, que ainda procuram as fazendas vizinhas, ou as cidades como alternativas para obtenção de renda, ou para qualificações acadêmicas, já que as escolas existentes nas aldeias não são suficientes para dar seqüência aos estudos iniciados.

A vegetação do cerrado é importante pelo aspecto sagrado que assume nos momentos de caçadas nos dias de festa, onde os caçadores se reúnem como nos tempos de outrora e buscam o alimento que será consumido por todos durante as cerimônias. Ainda há os locais onde encontra-se a matéria-prima para a feitura da flauta-mágica, que sem ela não há ritual de oferecimento, de nomeação das crianças e nem passagem da menina para fase adulta.

Em tempos onde os efeitos do aquecimento global e o desmatamento são cada vez mais reais no cotidiano humano, a iniciativa de aliar preservação ambiental e cultural deve ser estimulada. A permanência da agricultura tradicional dos Halíti é fundamental não apenas para sua permanência física, mas cultural, uma vez que a roça assume papel social entre as aldeias e seus membros, que, durante as festas de oferecimento do roçado, as alianças e outras relações sociais e culturais são estabelecidas e reafirmadas.

Considerando a importância do cerrado quanto à sua biodiversidade neste momento de preocupação com a conservação dos recursos naturais do planeta, e em especial com os povos tradicionais, é de extrema urgência que ações que concatenem com este alerta mundial sejam estabelecidas. No Brasil central tais ações são especiais, pois o estado do Mato Grosso é uma região ecotonal composta por três grandes Biomas: Cerrado, Pantanal e Amazônia, habitado por diversos povos tradicionais como os pantaneiros, pequenos sitiantes, quilombolas, pescadores e cerca de quarenta e dois povos indígenas, e entre eles os Halíti.

Assim a importância das roças tradicionais nos dias atuais não se resume apenas à satisfação nutricional (sim, isso é importante para a sobrevivência física do corpo material), mas que também permaneça para manter fortes os laços de amizade, resistência, e magias, pois é através dela, que os espíritos dos *abê* (avó), *atyô* (avôs) e *azé* (bisavô) retornam “encarnados” nos festeiros, ao convívio dos seus entes queridos, para que continuem com seus cantos, danças, seus mitos e ritos regados pelo caldo da raiz branca brotada da terra.

Permaneçam Halíti, permaneçam... para que seus Aytô, Abe e Azê possam vir tomar oloniti, dançar o zolane e tocar a jararaca até Zaloya virar Sol...

Depois descobri que as palavras Atyô, Abê e Azê significam: avós, avós, parentes antepassados... então, que eles continuem encarnando em seus parentes e retornando à aldeia dos vivos festejando e celebrando a rica cultura do Halíti. (Caderno de campo, 2009).

AGRADECIMENTOS

Ao povo Halíti, em especial aos moradores da aldeia Paraíso, que permitiram este escrito e, mais ainda, permitiram que, eu pudesse conhecer e participar de sua cultura, de suas vidas e de sua alegria de viver. E especialmente a família do cacique Benedito Garcia Onizokae, que me acolheram em sua casa e tiveram paciência em responder às minhas indagações e me conduziram por caminhos levando-me às minhas mais profundas raízes.

A CAPES (Coordenação de Pessoal de Nível Superior) pela bolsa de doutorado cedida, e por proporcionar logística financeira.

A FCA - Faculdade de Ciências Agrônômicas da UNESP - “Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho”, campus de Botucatu, SP, pelo apoio à continuidade dos meus estudos.

A FUNAI, administração de Tangará da Serra, MT, pelo apoio prestado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

- AMARANTE, E. OS MYKY. **Índios em Mato Grosso**. Dossiê. Org. OPAN, 1987.
- BERNARD, H.R. Research methods in cultural anthropology. **United States of America: Sage Publications**, 520p. 1988.
- BECKER, H., S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: HUCTEC, 1993.
- CARTAGENES, R.C. OS ENAWENENAWÉ (SALUMÃ). **Índios em Mato Grosso**. Dossiê. Org. OPAN, 1987.
- COSTA, R. M. R. **CULTURA E CONTATO: Um estudo da Sociedade Paresi no contexto das relações interétnicas**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – Museu Nacional, Programa de Pós-Graduação em antropologia Social. 198p. 1985.
- COSTA, R. M. R; ROBERTO, M. F. Os Paresi. **Índios em Mato Grosso**. Dossiê. Org. OPAN, 1987.
- FUNAI – Fundação Nacional do Índio. Disponível em: <http://www.FUNAI.gov.br>. Acesso em: 26/06/2008 e 12/01/2010.
- GREENWOOD, E. **Metodologia de la investigacion Social**. Buenos Aires: Paidós. 1973.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/>. Acesso em mar.2010.
- ISA - **Instituto Socioambiental, São Paulo. Disponível em:** <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/paresi/2030> **Acesso dez. 2009.**
- MACHADO, M. F. R. Rondon e os Paresi: As representações indígenas sobre o Amuere Etnógrafo. IN **Modelos e processos: ensaios de etnologia indígena**. Edir Pina de Barros et al. Cuiabá: EdUFMT, 314p.:il.1998.
- _____. Identificação e Delimitação da área indígena “Estação Rondon” (Estação “Parecis”) Diamantino, MT. In: **DIREITOS INDIGENAS E ANTROPLOGIA: Laudos Periciais em Mato Grosso**. Org. Denise Maldí. et al. Cuiabá, MT. Ed. EdUFMT. 292p.:Il. 1993.
- MAGELA, G. O alerta que vem do cerrado. 2009. Disponível em <http://www.wwf.org.br/>. Acesso em outubro, 2010.

- MARQUES, W. J. G. **Pescando pescadores: Etnoecologia abrangente no baixo São Francisco**. São Paulo: USP, NUPAUB, 258 p. 1995.
- NETO, O. C. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO M. C. S. et al (Orgs.). **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- PAES, M. H. R. A questão da língua na escola indígena em aldeias Paresi de Tangará da Serra-MT. **Rev. Bras. Educ.**, Sept./Dec. 2002, no.21, p.52-60. ISSN 1413-2478.
- PEREIRA, A. H. O pensamento mítico do Paresi – primeira Parte. **Pesquisas**. Antropologia n 41, Instituto Anchieta de Pesquisas. São Leopoldo, Rio Grande do sul, 1986.
- POSEY, D. A. Etnobiologia: Teoria e Prática. **Suma etnobiológica Brasileira**. v.1 (Etnobiologia). Petrópolis: Vozes/FINEP, 1987.
- RAMOS, A. R. **Sociedades indígenas**. São Paulo: Ática, 96 p.,1986.
- RIBEIRO, J.F.; WALTER, B.M.T. Fitofisionomia do Bioma Cerrado In:
- SANO, S. M; ALMEIDA, S. P. ed. **Cerrado: ambiente e Flora. Planaltina**: EMBRAPA-CPAC, xii. 556p. 1998.
- SANTILLI, J.; EMPERAIRE, L. A Agrobiodiversidade e os direitos dos agricultores tradicionais. In: INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Povos Indígenas no Brasil 2001 a 2005**. São Paulo. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt>>. Acesso em: 12 dez. 2009.
- SANTOS, G. M. dos. **Da cultura à natureza: um estudo do cosmos e da ecologia dos Enawene-Nawe**. São Paulo, 2006. 241p. (Tese de Doutorado). 2006. Disponível em: <http://www.socioambiental.org/>. Acessado em abril. 2009.
- SILVA, R. B. *Oloniti* e o castigo da festa errada: relações entre mito e ritual entre os Paresi. **Cadernos de campo** n. 13: 91-100, 2005.
- SZTUTMAN, R. RITUAIS. 2008. Disponível em: <http://www.socioambiental.org/>. Acessado em abril. 2010.
- TUXILL, J.; NABHAN, G.P. **Plantas, comunidades y áreas protegidas: Uma guía para El manejo in situ**. Ed. Nordan-Comunidad. Montevideo, Uruguay. 227p. 2001.
- VALADÃO, V. M. O processo de trabalho do vídeo Yakwã: O banquete dos espíritos. 1998. In: ECKERT, Cornelia; MONTE-MOR, Patrícia (Orgs.). **Imagem em foco: novas perspectivas em antropologia**. Porto Alegre : UFRS, 1999. p. 161-75. Disponível: <http://www.socioambiental.org/>. Acessado em abril. 2010.
- VERSWIJVER, G. **Cosmologia e ritual Kayapó**. 2002. Disponível: <http://www.socioambiental.org/>. Acessado em abril. 2010.
- VIERTLER, B. R. Métodos antropológicos como ferramenta para estudo em Etnobiologia, Etnoecologia In: AMOROZO, M. C. M.; MING, L. C. & SILVA, S. M. P. (Orgs). **Métodos de Coleta e Análise de Dados em Etnobiologia, Etnoecologia e Disciplinas Correlatas**. Rio Claro: SBEE/UNESP/CNPq, 2002.